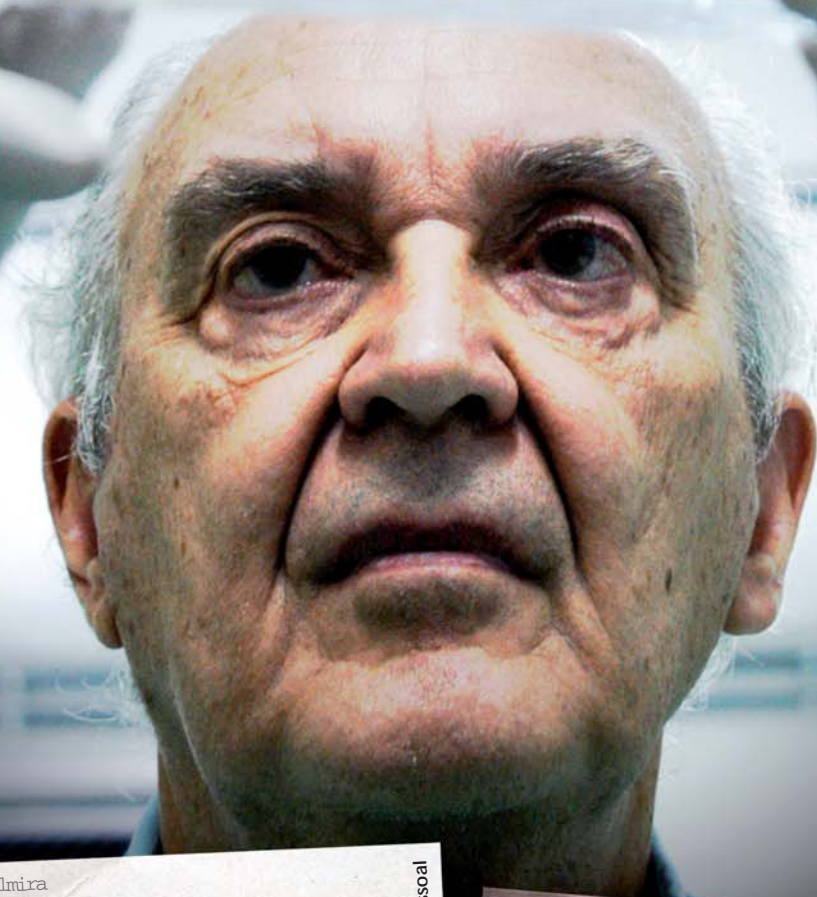




Uma vida dedicada à ciência



Hermann e os pais, Otto e Zulmira

Arquivo pessoal



Arquivo pessoal



Um dos virologistas de maior destaque no país, Hermann Schatzmayr teve papel fundamental no combate à varíola e à pólio e em estudos da dengue

Renata Fontoura

O ano em que o Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz) e a Fiocruz comemoram 110 anos de existência também ficará marcado pela perda de um de seus maiores expoentes. Com quase meio século dedicado à ciência nacional, o virologista Hermann Schatzmayr morreu, aos 74 anos, no último mês de junho. O pesquisador traçou um currículo que acompanhou a própria história da virologia no país: estudou a pandemia de gripe de 1957-58 no Rio de Janeiro; participou dos esforços de erradicação da varíola e de combate à poliomielite no país; e produziu desta-

cados estudos em dengue, sendo inclusive o responsável pelo isolamento dos vírus da dengue 1, 2 e 3 no Brasil.

Em razão das comemorações do aniversário do IOC, no dia 19 de maio, o virologista concedeu sua última entrevista à equipe de comunicação do Instituto. “A primeira vez em que entrei no *campus* da Fiocruz foi em 1955. Eu era representante de turma na universidade e fui falar com o professor Hugo de Souza Lopes. Saltei do ônibus, subi a rampa e as escadas ao lado da Casa de Chá e olhei para cima. Vi o castelo e tremi. Lembro da emoção que senti e até hoje me emociono”, contou o virologista. Além de declarar seu amor e dedicação à ciência, o virologista deixou clara sua preocupação social. “Sempre trabalhei com foco na doença, no doente e na carência da nossa população”, disse.

Trajetória

Schatzmayr ingressou na Fiocruz em 1961, onde atuou desde então, afastando-se apenas durante períodos no exterior para estudos. Criou o Departamento de Virologia no IOC, que deu origem a diversos centros de referência nacionais e internacionais. Ocupou o cargo de presidente da Fiocruz entre 1990 e 1992, quando criou o FioSaúde (plano de

saúde dos trabalhadores da Fundação). Membro da Academia Brasileira de Medicina Veterinária e da Academia Brasileira de Ciências, integrou vários comitês internacionais da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Carioca, filho de pai austríaco, Schatzmayr formou-se em medicina veterinária na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro na década de 1950. Durante o curso, foi monitor da cadeira de microbiologia. Por sugestão de um dos professores, matriculou-se no curso de microbiologia da Universidade do Brasil (atual Federal do Rio de Janeiro) e tornou-se aluno da segunda turma. A capacitação lhe rendeu uma oportunidade como bolsista de virologia em um laboratório da própria universidade. Neste período, estudou amostras de uma grande epidemia de *influenza* que houve no Rio entre 1957 e 1958.

Antes de chegar ao IOC, a trajetória de Schatzmayr ainda incluiu atuações em importantes centros de pesquisas – como a Universidade de Viena, na Áustria, onde publicou seus primeiros trabalhos científicos. Já no Instituto, a convite do pesquisador Lauro Travassos, o virologista passou a integrar a equipe formada para atuar em um novo laboratório que contemplaria estudos sobre a poliomielite, com o suporte da OMS. “Eu era o único pesquisador da área de virologia. No

Arquivo pessoal

O virologista foi presidente da Fiocruz entre 1990 e 1992



Jorge de Carvalho/Fiocruz



laboratório, fazíamos isolamento do vírus da pólio, identificação, estudo de surtos e da resposta à vacina oral – a vacina Sabin começava a ser usada. Pouco depois, o Brasil passou a importar a Sabin concentrada e nós cuidávamos da diluição e da distribuição da vacina para todo o país”, afirmou.


Pioneirismo

Em seguida, tornou-se coordenador da área de virologia do IOC, cargo que ocupou durante 30 anos. “Meu compromisso era fortalecer a virologia. Para isso, sempre integrava novos pesquisadores e estimulava a equipe a fazer cursos no exterior. Éramos um grupo muito unido e atuante. Criamos os primeiros laboratórios de pólio, he-

patite e rubéola no Rio de Janeiro”, contou Schatzmayr.

Na década de 1980, quando a epidemia de dengue já preocupava em alguns países da América Latina, dedicou-se ao estudo do vírus, isolando pela primeira os tipos 1, 2 e 3 no Brasil. Nesta época, já contava com o companheirismo, também no laboratório, da esposa Ortrud Monika Barth, pesquisadora da Fiocruz.

No final dos anos 1990, passou a investigar casos de poxvírus em animais e humanos. Trata-se da emergência de uma doença causada pelo vírus vacinal da varíola. Com isso, depois de muitos anos, voltou a estudar o vírus da vacina, projeto ao qual vinha se dedicando atualmente.

Em 2009, lançou o livro *A virologia no Estado do Rio de Janeiro – uma visão global*, em parceria com o pesquisador Maulori Cabral, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A publicação, que Schatzmayr fez questão de disponibilizar gratuitamente na internet, apresenta uma perspectiva global e histórica desse campo de pesquisa no estado, desde seus primeiros fatos registrados até as epidemias modernas. Acesse a obra em www.ioc.fiocruz.br, no item *Publicações*. Além do legado e da contribuição expressiva à pesquisa científica, Hermann Schatzmayr deixou gerações de alunos e uma legião de admiradores dentro e fora da Fiocruz. 



 Leia mais sobre Schatzmayr (1936-2010) na seção *Especiais* da Agência Fiocruz de Notícias (www.fiocruz.br/ccs)